



VAGALUMEAR EM VÃO(S): PROPOSIÇÃO DE PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO EM DANÇA IMANENTE

Me. Ercy Araújo de Souza PPGARTES – UFPA
Dra. Ana Flávia Mendes Sapucahy PPGARTES – UFPA

RESUMO EXPANDIDO

Apresento este texto que chamo de Escritura e que tem como objetivo expor e refletir sobre a proposição da noção de processo de criação sendo entendido como processo de transcrição. Esta Escritura está sendo tecida com os meus pensamentos e estudos dentro do curso de doutorado em Artes do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, em uma pesquisa sob o título VAGALUMEAR EM VÃO: uma proposição de Processo de Transcrição em Dança Imanente.

Para tanto, inicio com um conto galáxio¹, baseado em minha história pessoal, minhas memórias, que servem para fazer algumas relações entre o processo de transcrição como um processo de vida. Tal pensamento é enfatizado quando a coreógrafa Lícia Sánchez diz que a memória é “um conjunto de lembranças, um arquivo, mas um arquivo vivo, porque essa Dramaturgia da Memória é entendida como um processo criativo” (FERREIRA apud SÁNCHEZ, 2014, p. 32). Com este entendimento busco a reintegração da “arte na prática da vida cotidiana” (SAMPAIO apud BÜGER, 2012, p. 13). Para isto, saliento algumas noções que serão citadas ao longo desta Escritura, como a **Transcrição** (CAMPOS, 2013), que é uma ação de resistência da obra de arte verbal ao assumir a recriação. Para Haroldo de Campos a transcrição é um “processo de *transficcionalização*” (CAMPOS, 2013, p. 119). Outra noção que utilizo é a **Conversão Semiótica**, que é justamente o momento da transfiguração, é o “quiasma de mudança de qualidade simbólica em uma relação cultural, no momento que ocorre essa transfiguração (...) vinculada intrinsecamente à práxis vivencial transformadora do homem e de sua realidade” (LOUREIRO, 2007, p. 11 e 16). Quando associo estas duas noções à arte da dança, vinculadas ao percurso da minha vida, passam a ser entendidas como processo de transcrição de movimentos, mudanças das

¹ Galáxio - é uma alusão metodológica ao livro poético *Galáxias* de Haroldo Campos que possui uma estética que questiona as formas de escritas e regras gramaticas, se aproximando de um livro de artista.



qualidades simbólicas dos elementos, conceitos e pensamentos, essencialmente do caráter ficcional da noção de transcrição.

Estas duas noções são amparadas por mais dois pensamentos norteadores. Cito as reflexões em processos de criação em dança desenvolvidos pela Companhia Moderna de Dança², sob a perspectiva da **Dança Imanente**³ (MENDES, 2010), a qual potencializa as particularidades dos corpos dançantes e as unifica em criação e as reflexões apresentadas por Cecilia Salles e Sônia Rangel sobre processo de criação artística. O pensamento sobre o que seria um Processo de Transcrição em Dança parte da observação e relação que faço entre o meu percurso⁴ (SALLES, 2013, p. 23) de vida e os processos de criação, identificados por mim como processos constantes, espiralados, mutáveis, (trans)criadores de realidades e de verdades, como um modo de vivenciar a arte em processo, dando ênfase ao tempo das obras e aos espaços provocadores de estímulos em que os desenvolvo.

Entendo que em meu trajeto⁵ (RANGEL, 2009, p. 95) de vida é a liberdade⁶ (LOUREIRO, 2007, p. 18) de criação e se dá na e pela Arte que vivo e que sempre fez parte da minha existência. Associo a liberdade de criação artística à minha vivência e “se hoje em dia é possível pensar em produtividade livre para todos, isso sem dúvida se deve ao feito dos vanguardistas, de colocar em cheque a expressão ‘grande obra de arte’” (SAMPAIO, 2012, p. 14), aproximando a arte à minha existência. Neste sentido, acredito que os processos artísticos sejam da ordem da vivência e, portanto, regidos pela criação, que não entendo aqui como produto final (ou “uma grande obra de arte”), mas sim como nos mitos de Criação⁷ para a tribo *gonde*, da Índia

² A Companhia Moderna de Dança – CMD – é um núcleo artístico independente formado por antigos alunos do Colégio Moderno, instituição de ensino formal da rede privada de ensino de Belém do Pará. A Companhia foi fundada em 2002.

³ Dança Imanente - A dança imanente é um conceito/práxis cunhado em meus estudos de doutorado e tem como fundamentação o conceito de imanência, promovendo orientações metodológicas para o ensino e a criação coreográfica, sobretudo na dança contemporânea. Surgida em meio aos processos artísticos da Companhia Moderna de Dança, a dança imanente lança mão de uma série de princípios e procedimentos estéticos e criativos, os quais são desenvolvidos por meio do que chamo de dissecação artística do corpo. Não se trata de um manual ou receita para a criação coreográfica, mas de orientações que, a depender da aplicação, podem gerar diferentes resultados. (MENDES, 2012, p.24)

⁴ Percurso – são os rastros deixados pelo artista (SALLES, 2013, p. 23).

⁵ Trajeto – é utilizado este termo nesta Escritura para fazer alusão ao termo Trajeto Criativo (RANGEL, 2009, p. 95).

⁶ Liberdade – liberdade e criação como faculdade humana que se manifesta ao longo da existência dos indivíduos, sendo a prática da criação artística “fruto da capacidade vocacional do homem para a simbolização e liberdade que o espírito usufrui para exercê-la” (LOUREIRO, 2007, p. 18)

⁷ Mitos de criação – o livro de literatura infantil *Criação*, elaborado pelo artista Bhajju Shyam da tribo *gonde*, na Índia central e a escritora Gita Wolf, busca ligar de modo lúdico o cósmico ao cotidiano ao expressar a essência de cada um dos dez mitos de origem selecionados e que acompanham ilustrações análogas às tradições *gonde*.



central, que a compreende como “um senso terreno de ligação entre a crença e a vida vivida, uma rica visão do mundo que não é meramente abstrata” (SHYAM, 2015, pag. 23); Uma criação presente em todo processo de existência/vivência. Em um pensamento hiperbólico, poderia falar em processos de criação em devir, ou seja, o processo transcriativo sendo eu mesmo e sendo afetado a cada crença e vivência desde meu nascimento.

Assim, entendo meu trajeto de vida como Trajeto Criativo (RANGEL, 2009, p.95), isto é, minha vida, como processo transcriativo, cuja liberdade anuncia as necessidades da criação que são instauradas pelos vãos onde me insiro como criador. E o que seriam estes vãos? Eles surgem quando vago por minhas memórias em busca de minhas primeiras manifestações criativas. Recordando meu percurso de vida, encontrei-me na varanda de uma casa térrea, localizada em meio a uma área rural, cercada de mato por todos os lados. Eu estava estático admirando o *breu*⁸ do mato à minha frente e alcançava a imensidão do céu. No infinito da escuridão do mato surgiam vagalumes, com suas luzes hipnotizantes e intermitentes⁹, que me instigavam piscar o mínimo possível. Recordo-me que estava seguindo com as pontas dos dedos um vaga-lume e quando ele apagava eu criava um percurso imaginário, na esperança de adivinhar onde acenderia sua luz novamente. Neste instante em que me deparei com a escuridão do mato, senti no vão a liberdade da criação, ali, vagalumeando, senti a compreensão de uma realidade de forma dinâmica e concernente ao que entendo como processo transcriativo, em que as metamorfoses vividas seriam minhas transcriações constantes, formadoras de princípios.

Foi sob a provocação instaurada nos vãos entre os rastros (SALLES, 2013, p. 28) luminosos, transcriados em movimentos por mim e/ou pelos vaga-lumes (dando autoria à criação), que identifiquei a liberdade da criação em vãos, em que vagalumear seria a observação/identificação do percurso, do processo e a provocação destes vãos e a transcriação poderia ser se colocar nos vãos como preenchimento, como criação mesmo que de maneira imaginária¹⁰.

Vivencio esta pesquisa, desenvolvendo um pensamento sobre processo e em processo de provocações de criações de vãos e do preenchimento dos

⁸ Breu – por analogia seria a ESCURIDÃO.

⁹ Intermitência – “de acordo com Walter Benjamin, essa noção [intermitência] precisamente destinada a compreender de que maneira os tempos se tornam visíveis, assim como a própria história nos aparece em um relâmpago passageiro que convém chamar de imagem (...) A intermitência da imagem nos leva de volta aos vaga-lumes, certamente: luz pulsante, passageira, frágil.” (HUBERMAN, 2011, p. 46).

¹⁰ Imagem – para esta Escritura a noção de imagem é atribuída ao entendimento de Gaston Bachelard em seu livro Poética do Espaço ao afirmar que “a imagem é um produto direto da imaginação, a vida da imagem está toda em sua fulgurância, no fato de que a imagem é uma superação de todos os dados da sensibilidade”. (BACHELARD, 1989, p.16).



mesmos, provocando constantemente luzes e breus pela minha linha do tempo aqui chamada de percurso transcriativo e registrados nesta Escritura. Os movimentos organizados durante este percurso, que venho transcriando em cena, eu acredito ser a dança imanente em transcrição por mim proposta. Nesta Escritura me aproprio e revelo algumas imagens, esculturas, pinturas e textos poéticos que surgiram durante o processo desta pesquisa nestes dois últimos anos, com o intuito de potencializar a apreensão das informações, relações e discussões aqui expostas. Para tanto, a seguir veremos as transcrições da imagem-força desta Escritura, antecedendo o conto galáxio, uma planta-raiz que, *visiva*¹¹ e visivelmente, ilustra o processo de transcrição ao metamorfosear-se de uma forma para a outra. Tais formas surgiram a partir das palavras Pode(r) Ser¹², que estão nas torções das raízes. Os vãos aparecem nas dilatações das mesmas, vãos esses passíveis de preenchimentos no decorrer do processo. Semelhante a esta transcrição da planta-raiz percebo a obra *Metamorphosis II*, de M. C. Escher¹³, quando as mutações partem da palavra METARMOPHOSE, passando por formas variadas interligadas pela continuidade e findando novamente na palavra METARMOPHOSE.

PALAVRAS-CHAVE

Trajetória criativa; Escritura; Conversão semiótica; Percurso; Vivência

AGRADECIMENTO

Agradeço a possibilidade desta pesquisa por meio do programa de bolsas da CAPES, bolsa que está destinada a acabar assim que defender minha pesquisa, pois a mesma será extinta

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹¹ Visivo – é um termo utilizado nesta Escritura com fulcro no princípio da *Visibilidade* de Ítalo Calvino em seu livro 6 propostas para o último milênio. Instaurando o princípio pensar por imagem.

¹² É o princípio do PODE SER, que, por meio do estranhamento sobre os estímulos apresentados durante o processo de criação, acredito potencializar a capacidade de desconstruir o(s) seu(s) sentido(s) já construído(s) ao logo dos tempos e, conseqüentemente, possibilitar a faculdade da reconstrução de infinitos outros sentidos, sendo determinados pelo artista no tempo e espaço da própria criação, ou seja, quando entendo que tudo pode ser outra coisa para além dos seus sentidos já definidos, tudo passa a ser, potencialmente, estímulo para criação artística. (SOUZA, 2014 p.29).

¹³ Maurits Cornelis Escher (1898-1972) é um dos artistas gráficos mais famosos do mundo. Sua arte é apreciada por milhões de pessoas em todo o mundo, como pode ser visto em muitos sites na internet. Ele é mais famoso por suas chamadas construções impossíveis, como Ascendente e Descendente, Relatividade, suas Impressões Transformadoras, como Metamorfose I, Metamorfose II e Metamorfose III, Céu e Água I ou Répteis (<https://www.mcescher.com/gallery/switzerland-belgium/metamorphosis-ii/>)



- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Tradução de Antônio de Pádua Danest. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- BARROS, Manoel de. *O Livro das Ignoranças*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.
- _____, Manoel de. *Menino do Mato*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad.: Ivo Barroso. São Paulo, Cia. Das Letras, 1990.
- CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição / organização* Marcelo Tápia, Thelma Médici Nóbrega. – 1. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____, Haroldo de, 1929-2003. *Galáxias*/Haroldo de Campos; 2ª edição revista; organização de Trajano Vieira; inclui o CD Isto não é um livro de viagem – São Paulo: Ed. 34, 2004.
- CHKLOVSKI, Viktor. *A Arte como Procedimento*. In: EIKHENBAUNM, B. et al. *Teoria da Literatura: formalistas russos*. Tradução de A. M. R. Filipouski et al. Porto Alegre: Globo, 1973, p. 39-56
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?*; tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*/Gilbert Durand; tradução Renée Eve Lévié. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- GIL, José, 1935 – *Movimento total*. – São Paulo: Iluminuras, 2004 224p. : il. : 23cm.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Corpo como objeto de arte* Henri-Pierre Jeudy; tradução Tereza Lourenço. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *A conversão semiótica: na arte e na cultura*. – Edição trilingue. – Belém: EDUFPA, 2007.
- MENDES, Ana Flávia. *Dança Imanente: uma dissecação artística do corpo no processo de criação do Espetáculo Avesso*. Ed. Escrituras Editora, SP, 2010. 69
- _____, Ana Flávia. *Considerações acerca da dança imanente*. Revista *Ensaio Geral*, v.4, n.7, 2012. Belém: UFPA/ICA/Escola de Teatro e Dança, 2012. pp. 24 - 35.
- MILLER, Jussara. *Qual é o corpo que dança? : dança e educação somática para adultos e crianças / Jussara Miller*. – São Paulo : Summus, 2012.
- _____, Jussara. *A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna / Jussar Miller*. – São Paulo: Summus, 2007.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processo de criação*, 24. ed. – Petrópoles, Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, A.M.; Fonseca, T.M.G. *“Conversas entre Escher e Deleuze: tecendo percursos para se pensar a subjetivação*.
- RANGEL, Sônia Lucia. *Olho Desarmado – objeto poético e trajeto criativo*. Salvador : Solisluna Design Editora, 2009.
- ROCHA, Thereza. *O que é dança contemporânea?: uma aprendizagem e um livro de prazeres; ilustração Clara Domingas*. – Salvador: Conexões Criativas, 2016.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

- ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem. A Teatralidade do Humano*. Ana Lúcia Pardo (org). (p. 285-297). <http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt>
- SOUZA, Ercy Araújo de. *IMAGEM MUDANÇA: um processo de transcrição em dança*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belém, 2014.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena*. Campinas, SP, Autores Associados, 2006.
- TEDLOCK, Dennis. *A tradição analógica e o surgimento de uma antropologia dialógica*. Anuário Antropológico/85. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.
- TIBURI, Marcia. *Diálogo/dança / Marcia Tiburi, Thereza Rocha*. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar – A perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- VIANNA, Klauss. *A dança; em colaboração com Marco Antônio de Carvalho*. – 3. Ed. – São Paulo: Summus, 2005.